

Reportagem Especial

A reconfiguração do telejornalismo em tempos de pandemia

Experiência descrita, em primeira pessoa, mostra que na TV Unesp, a experimentação de novas rotinas produtivas e formatos tem sido decisiva para a manutenção do compromisso da emissora com a comunidade

por Leire Bevilaqua

A propagação do novo coronavírus no Brasil, a declaração de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março e as recomendações de higiene, de distanciamento social e de suspensão de atividades com aglomeração de pessoas mudaram completamente a rotina produtiva das emissoras de televisão. Ainda que o jornalismo esteja na lista das atividades essenciais mantidas em funcionamento, e aqui caberia uma longa discussão sobre o papel do jornalismo nesse contexto frente à desvalorização da profissão nos últimos anos no Brasil, muitas das práticas consolidadas pelas equipes televisivas ao longo das últimas décadas não podem mais ser mantidas. E por um prazo, ainda, indeterminado.

Na Rede Globo de Televisão, uma das principais emissoras de sinal aberto do país, programas de auditório ficaram vazios e a gravação de novelas foi interrompida pela primeira vez na história do canal.

Essa foi a alternativa encontrada para evitar a propagação da Covid-19 entre profissionais da equipe. Ao mesmo tempo, a cobertura jornalística sobre a pandemia foi ampliada, com reformulação da grade de programação e muitas adaptações para que o conteúdo continuasse sendo produzido.

Um exemplo são as entrevistas feitas por meio de plataformas virtuais. Elas já eram utilizadas, mas foram priorizadas nas reportagens



Apresentadores do Unesp Notícias, telejornal semanal da TV Unesp. Foto: TV Unesp

As imagens de menor qualidade e até as interrupções por conta da instabilidade do sinal de internet também ficaram mais presentes. Já nas entrevistas em espaços abertos, uma novidade: foi adotado o uso de um microfone em separado para os entrevistados, algo nunca antes adotado na estética da reportagem. Tudo para que a informação, uma das principais formas de prevenção a essa doença tão devastadora, continuasse chegando à população.

Se repensar o desempenho das atividades foi essencial nas emissoras comerciais, não foi diferente com as TVs universitárias, conhecidas por já serem espaços de experimentação. Na TV Unesp, sediada em Bauru, a equipe foi liberada para trabalhar em *home office* e precisou reconfigurar completamente a rotina produtiva. No entanto, vem mantendo o compromisso de oferecer à comunidade análises, resultados de pesquisas e ações

realizadas pela universidade na contenção da pandemia.

A experiência da TV Unesp

A quarentena decretada pelo governo do Estado de São Paulo em razão da pandemia do novo coronavírus começou em 24 de março. Mas, antes dessa data, a Unesp - Universidade Estadual Paulista - já havia criado o Comitê Unesp Covid-19 para nortear a tomada de decisões pelos dirigentes da universidade. Desde 12 de março começaram a ser emitidos comunicados à



Francisco Machado Filho,
diretor da TV Unesp
Foto: TV Unesp

comunidade acadêmica com recomendações de prevenção, seguindo o que foi preconizado pela Organização Mundial de Saúde e pelo governo paulista, até que em 17 de março todas as atividades presenciais nos 24 campi foram suspensas. A partir dessa decisão, o diretor da TV Unesp, o professor Francisco Machado Filho, optou pelo regime de home office para toda a equipe porque “apesar de ser um veículo de comunicação e imprensa, considerado serviço essencial pelo governo federal, a TV Unesp é por natureza uma emissora universitária e se integra na estrutura da universidade como todas as demais estruturas”. Portanto, era essencial cumprir o isolamento.

No ar desde 2011, com uma programação cultural e educativa, além de divulgação científica e institucional, a TV Unesp tem sede na cidade de Bauru, onde transmite a programação em canal aberto. Mas chega também a Botucatu e Marília em sinal fechado. Todas as produções da emissora também podem ser acessadas nas mídias digitais.

Por essa característica, o diretor esclarece que “a TV Unesp tem o compromisso de informar a população de sua área de abrangência não somente as ações de combate à pandemia adotadas pelas autoridades brasileiras, mas também as ações que a universidade vem colocando em prática para minimizar os efeitos da propagação do vírus, como pesquisas, testes, e até fabricação de itens de segurança para profissionais de saúde e aparelhos médicos. Uma forma de promover a conscientização por parte da população acerca do importante papel que a universidade desempenha em suas áreas de pesquisa, ensino e extensão e que retornam em serviços e informação para a toda a população”.

O desafio trazido pela pandemia, portanto, estava em conciliar o regime de teletrabalho a esse compromisso com a comunidade. Como a TV Unesp é afiliada da TV Cultura, inicialmente, a estratégia adotada foi priorizar a programação da cabeça de rede. Todos os programas da TV Unesp foram temporariamente suspensos. A equipe de jornalismo, que já estava fazendo a divulgação dos comunicados oficiais da universidade, foi destacada para permanecer produzindo boletins informativos em vídeo para as redes sociais, uma vez que essas plataformas se tornaram a forma mais viável de compartilhamento de informações. A *hashtag* #PlantãoUnespCovid19 passou a ser utilizada em todas as postagens para diferenciar essas produções. Mas, ainda era preciso contemplar o sinal aberto. Então, os materiais produzidos foram adaptados para entrar na grade de programação, em horários pré-definidos, e em edições especiais do Unesp Notícias, o telejornal da emissora, como será detalhado a seguir. Para o diretor, “essa ação permitiu que a TV Unesp continuasse a produzir conteúdo relevante, explorando as plataformas digitais, mas ao mesmo tempo, compromissada com sua natureza de um canal aberto de televisão, sem expor seus colaboradores ao risco da Covid-19”.

Na opinião de Machado Filho, a cobertura televisiva da pandemia representa um divisor de águas. Segundo ele, uma nova televisão, com programas inovadores em gêneros e formatos, está sendo gestada. E as TVs Universitárias, em geral, têm muito a contribuir. “Acredito que a TV Universitária, que tem em seu cerne a experimentação, poderá ousar ainda mais e aprofundar os estudos e testes para essa nova TV, contribuindo, assim, para que cada vez mais a

televisão aberta brasileira se torne relevante e significativa para a população, mesmo frente à concorrência das plataformas digitais. Nesse sentido, a TV Unesp pode se orgulhar em dizer que, mesmo com uma pequena parcela, vem contribuindo com este importante momento da TV aberta brasileira”.

As mudanças na rotina produtiva

O **Unesp Notícias** é a principal produção jornalística da TV Unesp e até a pandemia tinha periodicidade semanal.



Conta com reportagens, boletins e entrevistas de temas ligados à universidade e quadros temáticos, como agenda de eventos, experiências internacionais, relatos de pesquisas e reflexões sobre diversidade. Atualmente, a equipe de produção é composta por três jornalistas, divididos nas funções de produção, reportagem, edição de texto e apresentação, um apresentador/locutor, um editor de imagem e uma supervisora de produção. A última edição gravada no estúdio da TV Unesp foi exibida em 24 de março, data de início da quarentena. Porém, essa produção já contou com uma redução significativa da equipe técnica e adaptações do conteúdo. Funcionários com mais de 60 anos ou com algum tipo de comorbidade já haviam sido dispensados. Eu sou editora de texto e apresentadora do telejornal e divido essa última função com o locutor Zeca Oliveira. Na última edição de março, diferentemente das anteriores, permaneci sozinha para apresentar as reportagens da semana e entrevistar o presidente do Grupo Administrativo do Campus em Bauru, que daria as últimas orientações recebidas da universidade.

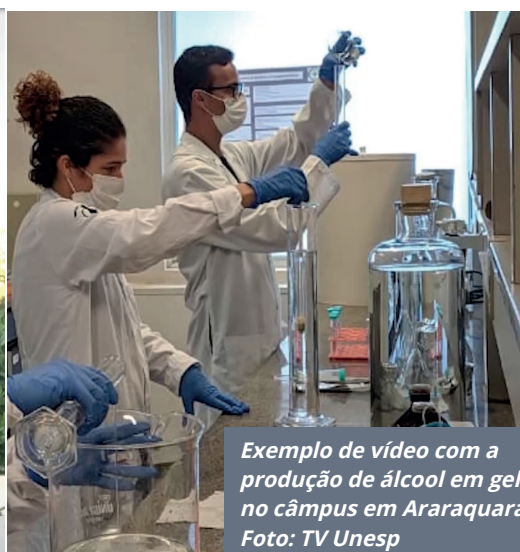
Comigo no estúdio, apenas um operador de câmera. E na sala de controle, um operador de áudio, um diretor de TV e o jornalista que coordenou a gravação. Seguimos as recomendações de higiene e de distanciamento social e, ao fim do telejornal, informamos a suspensão das atividades e a manutenção de um plantão para trazer informações confiáveis e atualizadas sobre as ações da universidade, estudos e análises de pesquisadores sobre o cenário da pandemia do novo coronavírus no país.

A partir do dia seguinte, já foi possível iniciar as atividades do *home office*. O primeiro passo foi redefinir o papel que cada jornalista teria nesse processo, afinal as etapas de produção seriam diferentes e a rotina diária. A supervisora de produção, Mayra Ferreira, estabeleceu que ela e os três jornalistas ficariam responsáveis por levantar temas relacionados ao novo coronavírus e buscar professores interessados em colaborar com a gravação e o envio de vídeos e imagens; editar os materiais e fazer as postagens nas redes sociais e no canal do YouTube. Para sistematizar a rotina, a equipe passou a se comunicar por meio de um grupo já existente no Whatsapp. Dessa forma, foi possível discutir e definir a abordagem dos assuntos, delegar funções, socializar informações, prazos e decisões editoriais sobre os conteúdos. Como a Unesp oferece aos funcionários as ferramentas do *G Suite*, Ferreira avalia que elas fizeram a diferença no teletrabalho, favorecendo uma comunicação quase que instantânea. “Realizamos reuniões esporádicas pelo *Google Meet* para definir estratégias e conteúdos específicos, como as edições especiais do Unesp Notícias. Para alimentar o fluxo diário de pautas, produções e disponibilização dos materiais, criamos uma planilha no *Google Sheets* e uma pasta para o *Google Drive*, na qual compartilhamos todo o fluxo de produção e definimos diariamente os conteúdos que seriam veiculados”.

Após essa organização da equipe, teve início uma nova etapa: entrar em contato com os pesquisadores, explicar o tipo de conteúdo a ser produzido, oferecer exemplos de como seria possível executá-lo e aguardar a disponibilidade deles para o envio do material. Por isso, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos jornalistas nesse processo foi a inversão do controle das produções, que passou a ser totalmente dos entrevistados. A jornalista Ana Carolina Costa lembra que “quando nos propomos a receber materiais produzidos por pessoas sem formação ou equipamentos

**Dulce Silva**

vice-diretora IQ Araraquara

*Exemplo de vídeo com a produção de álcool em gel no campus em Araraquara
Foto: TV Unesp*

detalhamento de pesquisas e ações e, quando possível, imagens para ilustrar, podendo ser fotos ou vídeos. Porém, em algumas situações, os vídeos enviados estavam mais longos e exigiram maior trabalho de edição. Em outras, observou-se a necessidade de gravar textos explicativos, as chamadas cabeças, para apresentar os depoimentos. Houve casos, ainda, em que a falta de condições para a gravação com o celular ou o tema exigiram a intermediação de um

equipamentos adequados, precisamos estar preparados para a possibilidade de eles não atingirem a qualidade técnica padrão. E isso ocorre com frequência. Nós, que somos profissionais da área, temos clara a linguagem com a qual trabalhamos e quais ações executar, mas isso não é uma realidade para a maioria das pessoas, mesmo os pesquisadores com os quais lidamos diariamente. E isso impacta no fato de, muitas vezes, os prazos iniciais com os quais trabalhamos precisarem sofrer alterações”.

E essas readequações de prazo foram constantes, contornadas graças à variedade de temas abordados pela equipe e a construção de um banco de materiais para dar suporte a, pelo menos, duas postagens diárias. Essa flexibilidade também foi necessária para adaptações no formato do material audiovisual produzido pelos entrevistados. O vídeo padrão solicitado deveria ter em torno de 5 minutos de duração, ser gravado na posição horizontal e conter o relato opinativo do pesquisador ou o

jornalista conduzindo a entrevista, como demonstrado em imagem a seguir.

Mas, o jornalista Júlio César Penariol também aponta vantagens nas gravações feitas pelos entrevistados. Uma delas é que “os pesquisadores podem fazer as gravações quando quiserem, no local que acharem mais adequado, e de uma maneira simples, muitas vezes usando apenas um celular, sem microfone. Isso dá uma liberdade tremenda para que eles atuem nas pesquisas e nos atendam assim que possível, sem tanta preocupação com o trabalho do jornalista”.

A edição, outra etapa fundamental para garantir a finalização e a unidade ao material produzido, também se deu de forma totalmente remota. Os jornalistas ficaram responsáveis por receber os vídeos, fazer a checagem do material, e encaminhá-lo para edição com indicações de corte e cobertura de imagens. No entanto, essa preparação foi feita sem auxílio de softwares de edição e tomou um tempo considerável da equipe.

O editor de imagem, Diego Bittencourt, passou a receber os materiais por uma pasta compartilhada na nuvem e a acessar o servidor da emissora direto de casa, para utilizar o material gráfico que conferiu identidade aos boletins. Ele conta que não teve problemas com essa nova rotina, pois tinha à disposição o suporte de que precisava. O maior desafio estava em conferir qualidade ao material recebido. “Busquei mitigar alguns problemas, como reduzir ruídos e equalizar o áudio, aplicar correções de imagem de exposição, contraste e cor, retirando tremores de câmera exagerados e centralizando o entrevistado no enquadramento. Outra dificuldade encontrada foi em relação ao envio do material final para a nuvem, a ser baixado

*Entrevista com o infectologista e professor da Unesp Carlos Fortaleza conduzida pela jornalista Mayra Ferreira / Foto: TV Unesp*

posteriormente pela equipe de exibição da TV Unesp.

O *upload* de vídeos mais longos é muito demorado, e demandou uma programação prévia dos vídeos que seriam exibidos, para dar tempo de enviá-los antecipadamente”, conta Bittencourt.

Na primeira semana de produção, os conteúdos foram apenas para as redes sociais. A partir da segunda, é que toda uma logística foi estabelecida pela supervisora de produção para que os boletins também estivessem na grade de programação da TV. Segundo Ferreira, “após a primeira semana de teletrabalho, os supervisores do setor de TI e de Exibição foram mobilizados para que esses materiais fossem reexportados conforme o equipamento de exibição da emissora, iniciando assim um bloco diário informativo na grade de programação”. Desde então, essa tem sido a rotina e apenas um funcionário, o supervisor de programação, vai à emissora programar a exibição.

Após as duas primeiras semanas de produção, o diretor da TV Unesp consultou a equipe sobre a possibilidade de fazer uma primeira edição especial do Unesp Notícias reunindo os materiais já compartilhados nas redes sociais. Eu fiquei responsável por redigir o roteiro do telejornal e dar unidade aos vídeos que haviam sido divulgados de forma isolada. E o apresentador Zeca Oliveira, a gravação direto de casa.

Em uma edição convencional do Unesp Notícias, contamos com conteúdos variados. E, muitas vezes, recebemos a colaboração em vídeo de pesquisadores. No entanto, para essa versão especial, todo o material tinha essa mesma característica. Como o grande unificador era o tema da pandemia por Covid-19, busquei extrair desses materiais o que de mais singular eles possuíam, ressaltar essas informações na cabeça e estabelecer uma divisão temática por blocos: ações solidárias da universidade, análises do cenário da pandemia e dicas para quem estava em quarentena. Porém, ao construir o texto a ser lido pelo apresentador, foi preciso considerar que a gravação seria feita diretamente da casa dele, sem possibilidade de variação de enquadramentos.

Apesar dessas adaptações na linguagem, não houve entraves à redação do telejornal. O desafio maior foi a gravação, sem o aparato técnico do estúdio da emissora. Oliveira conta que “surgiram algumas preocupações como enquadramento, iluminação e elementos que poderiam compor o cenário. A gravação foi feita com a câmera do celular em um espaço pequeno, então, os recursos eram limitados. Procurei apenas iluminar um pouco mais que o normal, usando duas luminárias laterais. Como cenário, um notebook e uma televisão, para projetar o selo do telejornal. O áudio foi captado por um microfone de lapela e, por meio de um adaptador, gravado no celular”.

O telejornal, do início ao fim, feito à distância surpreendeu toda a equipe. Com duração de 42 minutos, ele foi ao ar em 7 de abril. Já na abertura, foram explicadas as limitações técnicas e o motivo da gravação fora do estúdio, que em



Edição do Unesp Notícias totalmente produzida de forma remota

nada alteraram a qualidade da informação entregue à comunidade, como pode ser conferido no **QRCode** ao fim da reportagem. Para o diretor da emissora, pode-se afirmar que “neste momento, a estética visual cedeu lugar à importância da informação e à necessidade de divulgação do fato em si”. Não há como negar que todos os funcionários tiveram que fazer adaptações em casa para acomodar a nova rotina de trabalho. As condições de ergonomia, a qualidade do serviço de internet, as rotinas familiares, como serviços domésticos e os cuidados com os filhos, foram desafios para os profissionais. Bem como o isolamento e a falta de interação presencial com os colegas de equipe. Mas, todo esse esforço reforçou uma das características do jornalismo enquanto instituição social: a capacidade de se transformar e de se reconfigurar diante de novos cenários e necessidades. E que a informação de qualidade é o grande fio condutor. Independentemente dos formatos, das linguagens, das plataformas de distribuição que passamos a utilizar, o grande diferencial dos materiais que produzimos nesse período foi o repertório teórico e científico que os especialistas tinham para abordar cada um dos temas. E isso graças a uma particularidade da própria universidade, que oferece cursos e áreas de especialização variados. Assim, seja em sinal aberto ou por meio das plataformas digitais, permanecemos firmes com o nosso compromisso de aproximar a Unesp da comunidade.



Acompanhe a programação da TV Unesp:

www.tv.unesp.br

www.youtube.com/tvunesp

www.facebook.com/tvunesp

www.instagram.com/tvunesp



Leire Bevilaqua é jornalista e doutora em Comunicação pela Unesp. Trabalha na TV Unesp desde 2009 e já desempenhou as funções de repórter, editora de texto e apresentadora. Contato: leire.bevilaqua@unesp.br